

E agora, **BRASIL?**  
O GLOBO



## INDÚSTRIA BUSCA A DIVERSIDADE

IBP, que reúne petroleiras em atuação no Brasil, prevê geração de 400 mil empregos no setor de óleo e gás na próxima década. Segundo debatedores, empresas estão comprometidas com a inclusão de mulheres, negros e jovens nesse mercado

A indústria do petróleo emprega hoje no Brasil 400 mil pessoas, mas esse número deve dobrar nos próximos dez anos, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP) citada pela presidente da entidade, Clarissa Lins, no seminário "E Agora, Brasil?". Diante desse cenário, as empresas do setor começam a se mobilizar para garantir que esse novo mercado represente também mais oportunidades profissionais para diferentes segmentos da sociedade, com maior inclusão de jovens, mulheres e negros.

Uma das iniciativas é o Comitê de Diversidade do IBP. No início deste ano, foi lançado um programa de mentoria para desenvolver competências de liderança para mulheres que desejam ascender aos cargos mais altos do setor de óleo e gás, ainda marcado por grande desigualdade de gênero e raça. Dados divulgados pelo IBP no lançamento do programa indicam que a indústria global de petróleo tem apenas 22% de mulheres. Se forem levadas em conta funções ligadas a geologia, geofísica e engenharia, o número não chega a dois dígitos.

Clarissa diz que ser a primeira mulher neste cargo é uma demonstração de que há espaço para muitas na indústria de energia, mas isso precisa ser ampliado.

— Essa indústria é majoritariamente masculina em termos globais. O IBP criou um comitê de diversidade e desenvolve um programa de *coach* com jovens mulheres que pretendem ascender. E a casa está cheia, não há espaço para acolher mais candidatas. É uma demonstração clara de que essa discussão está presente. A discussão é relativamente nova, mas é um terreno fértil.

A presidente da entidade que reúne petroleiras disse não ter dúvidas de que o crescimento do setor no futuro não contará apenas com homens brancos na liderança. Por isso, afirmou, várias empresas do setor têm investido em projetos de apoio a mulheres e negros no ensino médio, uma forma de incentivar o aumento da participação deles nas carreiras universitárias mais demandadas pela indústria.

— Isso está na pauta, ganha força, é uma obração da sociedade, dosacionistas (das em-

presas) e principalmente dos jovens. Só posso acreditar que o futuro será mais diverso e mais rico — disse Clarissa.

Décio Oddone, diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), lembrou que, nos anos de 1980, poucas mulheres trabalhavam em plataformas no mar. Essa representação ainda é pequena, mas, na visão dele, o cenário vem melhorando nos últimos anos. Já em relação à diversidade racial, ele considera que o setor está mais atrasado.

— A gente consegue contratar profissionais negros para trabalhar na indústria, mas a presença na liderança e nos postos-chaves ainda não é proporcional à participação deles na sociedade. O bom de ver é que a juventude clama por isso, e as empresas trabalham nessa direção. A diversidade faz parte da agenda.

### COMPROMISSOS PARA ATRAIR

A inclusão dos jovens no crescente mercado de óleo e gás também está entre as prioridades das empresas do setor, segundo Clarissa. Para ela, é um desafio convencer os do compromisso das petroleiras com a sustentabilidade e seu papel no desenvolvimento do país para atrair talentos. Ela também vê a inovação como fator de aproximação do setor com aqueles que estão ingressando no mercado de trabalho.

— Essa é uma indústria que precisa atrair jovens. Temos que mostrar para eles que somos o "ódo borogodo" em tecnologia, em pensar o futuro, em estar atento às questões contemporâneas, em trazer soluções para nosso país, em prover energia de maneira segura, acessível e respeitosa com o meio ambiente.

A colunista do GLOBO Miriam Leitão, que fez perguntas a Clarissa e Oddone durante o debate, ao lado do chefe de Redação da sucursal do Valor no Rio, Francisco Góes, destacou a menção à inclusão:

— Gostei da preocupação com a diversidade, para que não seja uma indústria toda composta de homens brancos. O fato de as indústrias estarem fazendo comitês de diversidade é importante, até porque eles disseram que vão investir mais em recursos humanos. Queremos que sejam os recursos humanos em geral que te



Chances para todos. A presidente do IBP, Clarissa Lins, destacou a criação de um comitê de diversidade na entidade: "Isso está na pauta das empresas"



**Impacto.** Para o presidente da CNC, José Roberto Tadros, anfitrião do evento, a indústria do petróleo é uma oportunidade de reduzir a pobreza no país

mos no Brasil, em que metade da população é de pretos e pardos e as mulheres estão preparadas para entrar na competição desse mercado.

Para o presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC), José Roberto Tadros, é importante discutir o desenvolvimento da indústria do petróleo porque ela gera impacto em todos os setores da economia, incluindo o varejo, com a geração de empregos diretos e indiretos:

— Temos que, rapidamente, resgatar a enorme dívida social do país que nenhum brasileiro de bom senso admite. É uma oportunidade usar os lucros do pré-sal para erradicar a pobreza.

Francisco Góes, do Valor, destacou que o debate como um todo — que reuniu jornalistas, executivos do setor e outros convidados na sede da CNC — contribuiu para esclarecer por que não houve disputa nos leilões na semana passada:

— Foi importante tanto o regulador quanto a entidade representante das empresas deixarem claro que, em um eventual fim do regime de partilha, não se deve mexer com as áreas que já foram concedidas. Do ponto de vista regulatório, dá uma certa previsibilidade.



**Interesse.** A plataforma, na sede da CNC, reuniu jornalistas, executivos, especialistas do setor e outros convidados para ouvir a visão dos debatedores sobre o pré-sal

## CONTRATOS AUMENTAM ARRECADAÇÃO

ANP projeta que produção em campos do pré-sal ajudarão a elevar para R\$ 300 bilhões por ano pagamentos do setor aos cofres públicos, estabelecendo um novo patamar que exigirá maior responsabilidade na aplicação dos recursos

Os campos arrematados no megaleilão e na 6ª Rodada do Pré-sal vão ajudar a impulsionar a arrecadação anual do setor para os cofres públicos, que pode chegar a R\$ 300 bilhões por ano no fim da próxima década. Em 2018, de acordo com Décio Oddone, diretor-ge-

ral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), foram arrecadados R\$ 52 bilhões.

Para Oddone, mesmo com as áreas não arrematadas nos dois certames, realizados na semana passada, haverá uma mudança de patamar em termos de arrecadação de royalties, participações especiais

(que incide sobre os campos mais produtivos) e imposto de renda. Parte dos valores arrecadados vai para estados e municípios produtores, aumentando a necessidade de aplicar melhor esses recursos públicos.

— Isso não é pouco. A arrecadação vai sofrer um cho-

que. É uma mudança de patamar, e isso independentemente de ter licitação de quatro ou seis blocos a mais ou se vier a licitar no ano que vem essas áreas — disse Oddone. — A arrecadação (total) deve gerar R\$ 5,5 trilhões ao longo da vida dos contratos, até 2050. O pico de arrecadação

será entre 2030 e 2035.

Dados apresentados por Clarissa, do IBP, também mostram o avanço nos volumes de arrecadação. O setor recolheu R\$ 1 trilhão nos últimos dez anos e é esperado para a próxima década ser R\$ 1,3 trilhão.

— Os volumes são absolutamente expressivos — disse ela.

Oddone destacou que parte desse aumento ocorre porque os campos do pré-sal são regidos pelo regime de partilha, onde a participação governamental, dependendo do ágio obtido durante o leilão aumenta na fase de produção:

— Com os leilões, já está contratada a mudança de patamar de produção na próxima década. Temos 60 blocos e áreas dentro do polígono do pré-sal e outros 40 fora. Isso garante atividade, e nossa expectativa é que o Brasil seja um dos cinco maiores produtores na próxima década.